

**PALAVRAS EM PÁSSAROS:
A EXISTÊNCIA HUMANA COMO ESCRITURA DA FALTA**



Cristina Maria DA SILVA¹



Resumo

A existência humana é uma escritura da falta, algo sempre nos escapa, e é sob os pilares desse desamparo que a organização simbólica do universo cultural se organiza. O ser humano, por seu caráter inacabado, é o ser mais “desesperadamente dependente da cultura”. Buscamos compreender no âmbito das ciências sociais, algumas dessas questões a partir do trabalho de Jacques Lacan ao pensar o sujeito como uma construção da linguagem. Esta submete-nos à cultura, à sociedade, mas paradoxalmente é o que possibilita nossa própria escritura de vida e suas transfigurações. A criação da cultura e da sociedade revela o ser humano como a única espécie que necessita criar o seu espaço de atuação e nesse processo torna possível a sua própria existência.

Palavras-chave: Linguagem. Cultura. Sociedade.

*“As palavras em pássaros me atacam frequentemente
e voam sem deixar que minha língua possa freá-las”
(NOLL, 1991, p. 133).*

A vida é sempre cheia de sinais a nós destinados e alguns deles nos chegam por palavras! Elas desvelam o que somos e mesmo o que nos falta, pois através delas é que nos lançamos na busca pelo que desejamos. Através das palavras nos apropriamos da linguagem e ao encontrá-las percebemos o quanto fomos forjados por ela. A linguagem não deixa de ser nossa arte de fuga e encontro do que somos. Como também “o nosso esforço humano em busca do indizível e por destino voltamos sempre de mãos vazias, mas mesmo quando falha a construção obtemos o que ela não conseguiu” (LISPECTOR, 1986, p. 172).

Tentamos falar do que não sabemos, esboçar em palavras o que o desejo imprime em nós como falta, como lacuna a ser constantemente reinscrita. E talvez por tentar tocar com a gramática o que nos inscreve de maneira silenciosa no universo da linguagem é que tenhamos nas mãos que escrevem a sensação constante de uma perda, de uma palavra que pede para ser

dita, que percorre as entrelinhas do texto, mas que escapa, embora nem por isso desista de nos pedir para ser dita.

Aponta-nos Lacan, lembrando de Freud, que “os processos do pensamento [...] só nos são conhecidos pelas palavras, o conhecido do inconsciente vem a nós em função das palavras” (LACAN, 1997, p. 45). O sujeito é convocado a existir pela fala do Outro, assim a linguagem torna possível nossa existência, submete-nos à cultura, à sociedade, mas paradoxalmente é o que garante que rabisquemos nossa própria escritura de vida. O Outro é “o lugar da palavra, lugar do significante” (SOLER, 1998, p. 165). As palavras nos possibilitam relermos o mundo no qual estamos imersos, seja através dos livros, dos rostos e dos gestos, transfigurando-o para que seja devolvido a nós mesmos sob outras formas.

Rastros da Falta na Cultura e na Sociedade

A existência humana é uma escritura da falta, algo sempre nos escapa, e é sob os pilares desse desamparo que a organização simbólica do universo cultural se organiza. O ser humano, por seu caráter inacabado, é o ser mais “desesperadamente dependente da cultura” (GEERTZ, 1989, p. 56). Nela, sua humanidade se completa, assim, a criação da cultura se revela como o caráter antropológico da “exteriorização humana”, na medida em que o ser humano é a única espécie que necessita criar o seu espaço de atuação e nesse processo completa a própria formação de seu organismo, produz a si mesmo. Os seres humanos, diante dos laços culturais e sociais, sancionam o caráter imutável da realidade (*weltanschauung* /visão de mundo), quando esta é apenas uma das composições do real, que sempre nos escapa e diante do qual sempre tentamos lançar olhares. É uma ficção que se apresenta como a única possível na definição de nossa existência, que se constitui como certeza para o sujeito, mas efêmera, sempre longe do real.

As construções humanas são, por assim dizer, arbitrárias, tanto no sentido de que se impõem como única realidade possível como por seus sentidos aleatórios. Seus sentidos são reescritos por cada cultura, seguindo as suas mitologias específicas, códigos e convenções. Sendo assim, os significados que emanam das mãos humanas estão marcados por uma ordem anterior, a ordem da cultura e da sociedade, configurada pela linguagem. Estas estão perpassadas pela dominação, não no sentido de que um poder único e isolado as detenha, mas porque estão perpassadas por múltiplas formas de poder disseminadas no “manto de imagens e discursos” que envolve a constituição social.

A cultura não é só ornamento para o ser humano, é condição necessária para ele, ela é que torna possível sua existência e a fabricação do mundo social, de sua vivência com outros

seres humanos e as condições para serem membros de uma sociedade. A cultura e a sociedade se dão como realidade para o sujeito no e pelo simbólico, através dele é que nos tornamos não dependentes, mas “inerentes” a essa realidade (CASTORIADIS, 1982). Esta realidade é, portanto, um corte do simbólico que marcará toda a trajetória do sujeito, pois nesse trajeto o que ficou de fora será sempre algo não assimilado pelo o que se torna significante, uma falta que será uma tensão permanente, uma luta infinita do sujeito para recuperar um gozo perdido, que inúmeros laços o fazem nem saber que perdeu. Como tudo o que resta ao sujeito é falar, nomear, essa falta ganhará carne numa palavra: desejo. Este aparece como a falta que o simbólico introduz. Ao real não falta nada, mas o significante introduz, cava esse vazio.

Esse sujeito, surgido de um efeito de linguagem e de fala, forja o que os seres humanos se tornam. Estes, a partir de sua inserção na realidade da cultura e da sociedade, passam a carregar os sintomas de pertencerem a um campo do Outro, um lugar no qual ele sai da condição de nada para nascer dividido, aparecer como algo que se “coagula em significante”. Esse Outro precede o sujeito e fala sobre ele antes de seu nascimento. “É a primeira causa do sujeito”. Assim, o ser vivo somente se torna sujeito quando um significante o representa, junto a outro significante, quando inscreve-se numa perda inconsciente, uma divisão entre o saber e a verdade (LACAN apud SOLER, 1997, p. 56). O significante se relaciona com outros significantes (gerados no ventre do Outro) (LACAN, 1997, p. 31) e não com o real, não o toca, é sempre um “claro enigma” para o sujeito. Lembra-nos Castoriadis que:

como diz Jacques Lacan, o inconsciente é o discurso do Outro; é em grande parte, o depósito dos desígnios, dos desejos, dos investimentos, das exigências, das expectativas – significações de que o indivíduo foi objeto, desde sua concepção, e mesmo antes, por parte dos que o engendraram e criaram. [...] Pois desde o momento em que a palavra, mesmo não pronunciada, abre uma primeira brecha, o mundo e os outros infiltram-se por todos os lados, a consciência é inundada das significações, que vêm, se assim podemos dizer, não do exterior e sim do interior. [...] a verdade própria do sujeito é sempre participação a uma verdade que o ultrapassa, que se enraíza finalmente na sociedade e na história, mesmo quando o sujeito realiza a sua autonomia (CASTORIADIS, 1982, p.124, 128, 129).

A linguagem é a “condição do inconsciente”, como lembra Lacan (1992, p. 39), o que marca o sujeito com um desconhecimento de quem ele é, mas de algo que o determina. Ela é ocultada dele como convenção, aparecendo:

como inerente à natureza dos objetos de que trata – e oculta, por seu funcionamento, o caráter também convencional de todas as instituições sociais. Em vista do funcionamento da linguagem, os indivíduos não interiorizam a realidade social como sendo uma das muitas realidades possíveis. Interiorizam como sendo *a*

realidade, a *única* possível, a *única* existente e concebível. [...] a primeira experiência de sua alienação (SOUSA FILHO, 2001, p. 25).

Entregues aos vícios e às crenças somos inscritos na cultura, mas ela oculta essa sua incompletude, ilude-nos quanto à nossa finitude, esconde nossas limitações e mascara aquilo que em nós é uma falta estruturante. Esta realidade, que é criação humana, é esquecida enquanto tal, aprisionando os sujeitos a valores, normas e leis que os tornam cativos do medo e do sedentarismo. Entretanto, essa dominação não advém de um poder centralizador, mas das relações recíprocas e múltiplas que atravessam os sujeitos e se revelam no corpo social (FOUCAULT, 1998, p. 181).

Essas sujeições estão presentes na naturalização do social como algo sagrado e imutável, ou seja, no não reconhecimento humano de sua própria autoria diante do que o cerca; pela própria linguagem que é falada, mas não pensada como arbitrária e produto sócio-histórico; nos diversos “ritos de instituição” – para lembrar Bourdieu (1998) –, que atravessam as ações humanas reificando práticas que postulam os papéis a serem desempenhados, como definem o próprio enredo e as formas de serem representados, ou melhor, na lógica do “dever ser” imposta pela cultura que define diferenciações concretas e simbólicas para homens e mulheres, como podem agir, como usar seus corpos e expressar os seus sentimentos. Em suma:

Pela ação do Simbólico a realidade social é dotada de sentido e aos indivíduos é oferecida uma visão da ordem das coisas apreendida subjetivamente. Dessa maneira, pelo Simbólico a sociedade consegue sancionar sua Ordem e, por isso mesmo, obtém a legitimação das suas estruturas, papéis sociais, normas e crenças com coisas dotadas de sentido, com razões para existir (SOUSA FILHO, 2001, p. 24).

O sujeito é um ser dividido ao entrar no universo da linguagem, nos termos de Lacan (1992). Esse Outro, na existência humana, é o dado inicial, o grande Outro da linguagem que não pode ser dito num sentido e projeta-se, agita-se dentro do sujeito como um ser invisível e inconsciente. Esse é o avesso que Lacan busca nos mostrar, as marcas do inconsciente, estruturado como linguagem, que ultrapassa a palavra: a do discurso, uma “estrutura sem palavras”, que não existe sem elas, mas que traz sempre consigo o não-enunciável sobre o sujeito. Um aparelho de poder e de gozo, que faz o sujeito ser atravessado pela lança de uma inadequação fundante, sempre fora do lugar, oscilando entre o que diz e o que causa o seu dizer, entre o enunciado e o ato de enunciar, sendo assim um resultado sempre indeterminado.

Há uma lacuna entre a instauração da linguagem e as relações sociais, o que faz com que os sujeitos herdem certa “falha no chão de seus passos” (LUFT, 1996, p. 27). A linguagem

tem caráter fundante da condição humana, mas nunca encobre as fissuras que o simbólico deixa, não tem como configurar significações definitivas sobre o sujeito, assim essa falha é uma marca que nos assinala de modo indelével, o que faz com que como humanos sejamos ditos, (im) postos para falar, mas sempre algo por se dizer. Assim, mesmo sem palavras, o discurso pode subsistir, porém estas relações não poderiam existir e se manter sem a linguagem, pois,

mediante o instrumento da linguagem instaura-se um certo número de relações estáveis, no interior das quais certamente pode inscrever-se algo bem mais amplo, que vai bem mais longe do que as enunciações efetivas. Não há necessidade destas para que nossa conduta, nossos atos, eventualmente, se inscrevam no âmbito de certos enunciados primordiais (LACAN, 1992, p. 11).

Talvez por isso seja tão marcante essa idéia de instituir, classificar, nomear, identificar e diferenciar nos laços que permeiam a vida social. É porque temos uma falta instaurada na nossa existência humana que tentamos suprir com as mesmas palavras, ou mesmo com o que se cala, e que nunca dizem exato o que somos. A linguagem:

é responsável pela fixação de idéias segundo as quais existe uma natureza das coisas cuja prova são os *signos* que as representam. Dotados da aparência de que são inerentes aos objetos representados, os signos constroem zonas de significação – os campos semânticos- de um modo que a relação entre *significantes* e *significados* se torna impossível de ser percebida como uma relação imotivada, arbitrária (SOUSA FILHO, 2001, p. 27).

Através do imaginário, a capacidade ou força propulsora humana de criar imagens, permite conferir sentidos ao que é vivido, tocado, como ao que é desconhecido. Pela atuação do simbólico, que se encarna na linguagem são mobilizadas as representações sociais, que se tornam as narrativas invisíveis da cultura que se atam aos pensamentos e deslizam sobre os corpos dos sujeitos. A estruturação social e histórica se apresenta ao sujeito como obra anônima e impessoal, um discurso estranho que fala por ele, convencendo-o de uma permanência que a vida não tem. Como nos lembra o poeta: “não adianta, todos querem a fantasia solar, e nos puxam para ela, sem descanso. É tal a lucidez, que não imaginam mais a substância secreta, anterior ao sol” (NOLL, 1989a, p. 26). Desse modo: “O sujeito não se diz, mas é dito por alguém, existe, pois como parte do mundo de um outro. [...] o sujeito é dominado por um imaginário vivido como mais real que o real, ainda que não sabido como tal, precisamente *porque* não sabido como tal” (CASTORIADIS, 1982, p. 124).

Mesmo envolto nas discursividades que os cercam, há algo nos sujeitos que lateja, que não deixa de lembrá-los que nem mesmo as parúsias da cultura, as insinuações prometéticas da

sociedade o acomodarão no ninho da quietude. As marcas do desamparo primeiro, aplacadas com o embalar da cultura, que é criada para garantir a existência humana e mantida por ela, não são esquecidas. Quando esta, em suas frestas, deixa espaços vazios, o desamparo adentra ruminando os sujeitos. Desamparo que é, segundo Freud, “a fonte de todos os motivos morais” (FREUD apud COSTA PEREIRA, 2000, p. 122). Um desamparo incurável, diante da força esmagadora da natureza, da caducidade e fragilidade do corpo e dos dispositivos da cultura e da sociedade, que impulsionam o sofrimento humano. Em Freud:

O desamparo do homem, [...] permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs (FREUD, 1927).

Assim se configura nossa relação com o real, que é tudo o que existe antes de nós e continuará a existir, que nos ronda, cerca-nos, faz-se sentir, mas escapa sempre diante de todos os significantes e de tudo o que possamos dele dizer. Nossa existência, portanto, se torna possível na sombra dele, somos assim criaturas de um vazio, de uma grafia inominável e configurações de traços sempre (des) conhecidos, por isso nossa existência, (*existere*) é um “sair de si”, em busca do que nos falta. Carregamos em nós um corpo estranho de “um sujeito dividido, isto é, habitado pela falta, uma falta que os valores não cobrem, e que se encontra diretamente confrontada com os objetos susceptíveis de restaurar essa falta” (SOLER, 1998, p. 171).

Uma marca do vazio que se inscreve no sujeito, mesmo com a cultura e a sociedade, o que faz com que busquemos preenchê-la com os valores, os rostos, com tudo a que nos dedicamos, mas que independente disso continua latente em nós, não abrandada nem com a fixidez de um solo, nem no consolo de um teto e nem mesmo na placidez diante das regras sociais. Pois, “rostos, a verdade tem mais de um. [...] se somos forçados a flunar tão longamente pelos corredores, pelos labirintos da verdade, é justamente porque há algo que nos impede de chegar” (LACAN, 1992, p. 164-165).

Mal-estar da civilização, nos termos de Freud, impossibilidade do real em Lacan, sintoma da civilização nas palavras de Soler. Sintoma que é: “o que faz com que cada um, em alguma coisa, não consiga de maneira nenhuma, fazer o que lhe é prescrito pelo discurso de seu tempo” (SOLER, 1998, p. 170), como fala o poeta Noll (1989, p. 11), um “mal-estar latejando no pensamento com exclusividade”.

O sintoma pode ser o que expressa o mais particular do sujeito, e o que ele carrega de mais real, portando uma “estrutura idêntica à da linguagem”, é a exterioridade do fracasso dos recalcamientos no sujeito, traz as cifras do que é desejo, do que é gozo em seu corpo.

Em oposição a Freud, que via a permanência de um resto sintomático indecifrável pela Psicanálise, constituir-se em obstáculo à cura - rochedo da castração - Lacan considera o *sinthome* - assim chamado para marcar sua posição residual ao final da análise - como a marca do sujeito, seu traço próprio, sua singularidade, algo de inegociável, o que não cessa de inscrever-se (PAOLI, s/d).

Esse mal-estar, em Lacan, é inscrito no sujeito no seu próprio nascimento, que o separa de um objeto para sempre perdido, que não poderá ser compensado nem mesmo com os cuidados maternos. Alguma coisa insuperável, pois é antes uma cena tramada pela linguagem, desamparo que não escolhemos, mas que passa a ser o que nos escolhe ao sermos envolvidos na fala. “É o destino último - e o ponto de partida - de tudo o que se sustenta da linguagem” (COSTA PEREIRA, s/d). O desamparo passa a ser a sombra de uma desintegração, fragmentação de si, percepção angustiada de se estar confinado e limitado a um corpo. Desnorreamento de tudo que parecia integrar, mas que na verdade é apenas uma ficção que se impõe como verdade, que é apenas um véu que encobre o desamparo que o sujeito enfrenta por existir.

A angústia diante dos aprisionamentos faz com que o sujeito saia de si e reconstrua o que lhe cerca. Sua angústia, como lembra Lacan, “não é sem objeto”, é a ação do objeto perdido (a), o resto como real se fazendo presente. Esta acompanha o sujeito desde que este emerge no mundo, e sua manifestação se dá através do grito. “Com esse grito que lhe escapa [...] não pode fazer nada. [...] cede alguma coisa, e nada mais o liga a isso” (LACAN, 2005, p. 175, 354). Essa angústia é o que faz com que o sujeito se depare com o lado da “miséria das palavras”, mas apesar de tudo elas existem e “foram feitas para preencher o tempo. Se não, como duas pessoas conseguiriam se manter frente a frente sem estarem ocupadas com outra coisa?” (NOLL, 1990, p. 15).

A existência é composta de uma falta que não prende o sujeito inteiramente ao que o cerca, por isso seus intensos nomadismos e as várias faces vividas no cotidiano. As narrativas (in) visíveis da cultura e da sociedade não lhe respondem nunca de maneira total aos seus anseios. Por esta ausência existir é que se produz toda a realidade, mas o simbólico não a supre e este nem tem como dela se precaver.

O ser humano torna-se assim um *quieto animal* a farejar os seus rumos entre as clausuras do que o cerca. Ele é sempre mais do que o enredo que lhe é dado para viver,

carrega multidões dentro de si, com seus dramas, romances, comédias e tragédias que ressoam em seus pensamentos em prosa e poesia:

De uma fome de afagos, tigres baços
Vêm se juntar a mim na noite oca.
E eu mesma estilhaçada, prenhe de solidões
Tento voltar à luz que me foi dada
E sobreponho as mãos nas veludas patas.

De uma fome de sonhos
Tento voltar àquelas geografias
De um Fazedor de versos e sua estrada.
Aliso os grandes dorsos
Memorizo este ser que me sou.
(HILST apud GRANDO, 2003).

A socialidade contemporânea

Se a cultura e a sociedade se instituem como recortes do simbólico, as mudanças nessa mesma vida social só podem se dar quando este limite é questionado, quando o que ficou recalcado retorna e ultrapassa as barreiras que foram impostas, quando se estilhaça o instituído para dar entrada ao instituinte, como o que vemos na sociedade contemporânea. Traços do recalcado pela língua, pela cultura entram em cena. As “estruturas vão às ruas”, estruturas invisíveis que revelam os rastros do inconsciente (LACAN apud MOTTA, 1999, p. 77). Essa é a trilha de Lacan, de Lévi-Strauss e que pode ser a maneira para lermos as transformações correntes, que têm impulsionado as relações sociais não somente por seus conteúdos visíveis e estabelecidos, mas por seus conteúdos latentes. Nas palavras de Lacan:

por causa da existência do inconsciente, podemos ser esse objeto afetado pelo desejo. Aliás, é na condição de ser assim marcada pela finitude que nossa própria falta, sujeito do inconsciente, pode ser desejo, desejo finito. Na aparência, ele é indefinido, porque a falta, que sempre participa de algum vazio, pode ser preenchida de várias maneiras, embora saibamos muito bem [...] que não a preenchemos de mil maneiras (LACAN, 2005, p. 35).

O solo movediço da sociedade atual é movido por um intenso consumo capitalista, delineado não somente por seu consumismo, mas por uma “consumação”, um gastar-se, um esgotar-se seja nas trocas comunicacionais como nos intensos deslocamentos. A sociedade vivencia a saturação de seus valores e ação do excesso das paixões. Uma sociedade diante da qual a metáfora da incineração queima a placidez, a caducidade das ideologias, das relações. Nela o fogo perpassa os instantes, marca os corpos como resumos do corpo social nas explosões dos sentidos sociais.

As transformações são intensas, as possibilidades de nomadismos diante de um pretensão solo firme são cada vez mais aceleradas. Na sociedade contemporânea, formas breves se abrigam para relatar os fragmentos da condição humana, quando já não é mais possível apreendê-la na ficção de um enredo único e linear, “contratual, utilitário ou funcional” (MAFFESOLI, 2005a, p. 7). Nela:

A linguagem como que se descola do real, liberta-se da idéia ou ilusão de representação, abandonando a *mimese*. Essa é a época em que se inicia, intensifica e generaliza o “giro lingüístico”. [...] a linguagem parece tornar-se independente, revelando-se eletrônica, informática, cibernética, ou estrutural, sistêmica, semiótica (IANNI, 2003, p. 236).

Face aos discursos prometéicos se colocam outros poéticos, no sentido que encarnam o trágico, o cruel e o animal do humano, que se deixa romper pelo “ritmo das paixões, dos afetos e das situações” provocando rachaduras em todos os pilares do processo civilizatório que tentou domesticar os sujeitos pelos costumes e por suas repetições. Da “domesticação dos costumes”, da “sedentariiedade”, da assepsia e policiamento do corpo, dos prazeres, de uma ordem da produção, enfim das marcas de uma racionalização exagerada do consumo, do trabalho, do sexo, da palavra, vivemos as tensões de um tempo que as palavras não têm como definir, onde explodem literalmente todos os sentidos, a violência se encarna na ordem do dia, nos corpos e nas deambulações cotidianas e o sexo circula sob todas as suas formas. De maneira intensa, o álcool também move a socialidade, transcende as barreiras inerentes ao social, mas esse, desde a “Antigüidade pagã ao nosso mundo cristão, [...] reedita a socialidade e a comunicação. Ele desata as línguas e liga os corpos” (MAFFESOLI, 2005b, p. 41, 123-124).

Assim, espaço e tempo se reconfiguram. O espaço se alarga, não sofre as limitações do corpo e da presença, virtualiza-se, é mais do que nunca o lugar praticado de nossas figurações. O tempo é vivido em sua incoerência. Dessa maneira:

Obnubilado pela morte e suas diversas manifestações, o vivido cotidiano põe toda sua importância num presente caótico, que deve ser vivido intensamente, para lá das projeções de todas as ordens (paraísos, amanhã cantantes, sociedades perfeitas). É pelo o que o social é afrontado: o instante vivido em toda sua concretude, instante que é preciso consumir, consumir rapidamente, com excesso quando se conhece toda sua precariedade (MAFFESOLI, 2001, p. 45).

A economia tem novas configurações diante da economia moderna, arrisca muito na esfera do virtual, “gasta e consome o que não se possui de forma tangível e verdadeiramente racional”. Dessa forma:

Ao lado da lei de ferro da economiazinha moderna existe uma lei não menos impositiva da ‘economia geral’, que integra [...] o gasto, a perda e a morte. [...] A intensidade erótica, que não se deixa enganar, tem esta condição, na medida em que liga eros e thanatos. Pequena morte do gozo, que, no auge do desejo, lembra-se de tudo que o une à morte (MAFFESOLI, 2004, p. 129, 148).

A socialidade é assim, um recurso teórico para pensarmos os movimentos, as errâncias sociais de nossa sociedade contemporânea, movida por resistências, por anomias diante dos cânones da cultura e da sociedade. Diferencia-se da sociabilidade, pois não se restringe às funções e ao ideário de uma sociedade harmônica, antes integra conflitos e embates, é o sopro deles na vida social. Nela as transgressões rondam a ordem, como o gozo que se respira dentro da lei. Lembrem-nos que:

O único meio de nos livrarmos de uma tentação é ceder a ela. Se lhe resistirmos, nossas almas ficarão doentes, desejando as coisas que se proibiram a si mesmas, e, além disso, sentirão desejo por aquilo que algumas leis perversas tornaram perverso e ilegal (WILDE, s/d, p. 30).

Segundo a metáfora de Michel Maffesoli, estaríamos diante de um paradoxo da dinâmica cultural, que estaria promovendo a sucessão de seus deuses. Além do “laborioso Prometeu”, estaríamos agora a ouvir também o ruidoso Dioniso, movendo a socialidade, na qual “não se trata mais de saber como dominar a vida, mas como despê-la e gozá-la”. Deus do vinho e do sexo:

o deus enlaçado por serpentes ou ornado por colares de crânios joga com a morte tanto quanto zomba dela. Fazendo assim, ritualiza, exorciza a tenaz angústia da finitude. Eis o resumo de todo mistério dionisíaco: afrontar coletivamente, pela pluralidade dos afetos e dos corpos, o problema intransponível do limite (MAFFESOLI, 2005b, p. 25, 29, 38).

O que aparece como excesso nas intensas consumações de bens, de pessoas e de momentos são composições dos movimentos do simbólico para a inscrição de uma outra ordem, de desejos que não têm forma e que nunca sabemos bem o que fazer com eles. Deleuze (1994) afirma, que o primeiro dado de uma sociedade é que nela tudo foge, tudo se desterritorializa”, ou como lembra Durkheim: “toda sociedade necessita de momentos em que ‘se possa viver de outra maneira’; essa intensidade não se restringe, aliás, a circunstâncias excepcionais” (MAFFESOLI, 2005b, p. 130). Está nos interstícios do instituído. Onde há poder há resistências, onde a sociabilidade define funções e lugares sociais, a socialidade

atravessa com errâncias e anomias. Portanto, o que percebemos é a distância entre o instituinte e o instituído, que revelam o que a impede de condensar-se para sempre na “forma por fim encontrada” das relações sociais e das atividades humanas, o que faz com que uma sociedade seja sempre *mais* do que apresenta.

Retomando Lacan, em suas concepções sobre o sujeito, como um “falta a ser”, ou melhor, como um “vislumbre da falta” que a linguagem tenta circunscrever na fabricação da cultura e da sociedade, poderíamos pensar que diante da socialidade contemporânea percebemos os rastros do avesso, as chagas dessa falta que a cultura e a sociedade com suas metáforas de valores, normas e crenças não consegue suprir nos sujeitos. A face noturna dessa rasura que há entre o que é oferecido ao sujeito e o que ele deseja, aflora na pele, os rastros de vazio que há na própria constituição do sujeito, que se pretendeu esquecer, irrompe nos limites da vida social. Não poderíamos pensar que a socialidade contemporânea estaria trazendo o retorno de um gozo perdido? Diante do “gosto amargo da finitude que está sempre presente” os sujeitos não estariam em busca de outras formas? Ou se debatendo contra as já existentes? Será que essas formas, em suas explosões de violência, de face maldita não assombram os nossos olhos por estarmos demais adestrados aos limites construídos e reificados pela cultura e a sociedade? No abismo das palavras e na busca por respostas que as ciências, e talvez nem mesmo a psicanálise, não têm como nos dar inteiramente, seguimos os passos da poesia.

Porque há desejo em mim, é tudo cintilância.
 Antes, o cotidiano era um pensar alturas
 Buscando Aquele Outro decantado
 Surdo à minha humana ladradura.
 Visgo e suor, pois nunca se faziam.
 Hoje, de carne e osso, laborioso, lascivo
 Tomas-me o corpo. E que descanso me dás
 Depois das lidas. Sonhei penhascos
 Quando havia o jardim aqui ao lado.
 Pensei subidas onde não havia rastros.
 Extasiada, fodo contigo
 Ao invés de ganir diante do Nada.

(...)

Se eu disser que vi um pássaro
 Sobre o teu sexo, deverias crer?
 E se não for verdade, em nada mudará o Universo.
 Se eu disser que o desejo é Eternidade
 Porque o instante arde interminável
 Deverias crer? E se não for verdade
 Tantos o disseram que talvez possa ser.
 No desejo nos vêm sofomanias, adornos
 Impudência, pejo. E agora digo que há um pássaro
 Voando sobre o Tejo. Por que não posso
 Pontilhar de inocência e poesia

Ossos, sangue, carne, o agora
 E tudo isso em nós que se fará disforme?
 (HILST, s/d.a).

Escrituras de si

O que pode surgir desse mal-estar? Dessa sensação de incompletude e de que os valores não nos atam ao mundo inteiramente, mas se desprendem em algum ponto deixando-nos como alguém que: “se perde no meio da história e já não tem semântica suficiente para explicar o extravio?” (NOLL, p. 16, 1989a). Que respostas pode o sujeito ter diante do que lhe falta, diante do que dentro dele é fúria, incerteza e desconhecido? Só pode tentar deslocar-se entre essa estrada de ferro corroída pelo tempo e pelas possibilidades de que nela ainda possam ocorrer outras viagens de sua existência.

Mais do que nunca nos percebemos num mundo sem deuses, sem nada que possa nos proteger, apenas temos os rastros de nossas ações e as rasuras de nossa existência diante do que é dado como natural e inevitável. Seguimos nômades de nós mesmos, seja pelos recursos virtuais, seja pelos constantes deslocamentos, em busca do que somos, pois se ter uma identidade pareceu em algum momento garantir algum conforto, ela revela-se como uma das nossas ficções cotidianas diante de nossas faltas, falhas e fragilidades. Mas diante do apagamento das grandes certezas, do mito de uma narrativa consoladora e de uma identidade mantenedora de todas as nossas ilusões celestes e terrenas, temos as tintas de nossa própria existência para escrever e inscrever nossas escrituras.

Foucault ressalta que Lacan buscava na psicanálise não “um processo de normalização dos comportamentos, mas uma teoria do sujeito”. O motivo de seu hermetismo seria pelo fato de ele:

Querer que a leitura de seus textos não fosse simplesmente uma “tomada de consciência” de suas idéias. Ele queria que o leitor se descobrisse através dessa leitura. Lacan queria que a obscuridade de seus *Escritos* fosse a própria complexidade do sujeito, e que o trabalho necessário para compreendê-lo fosse um trabalho a ser realizado sobre si mesmo (FOUCAULT, 2002, p. 329-330).

O sujeito do qual Lacan nos fala é o que é capturado pela linguagem, Foucault nos fala desse que vive nos cárceres das imposições da cultura e das invenções sociais. Ambos falam da alteridade, ainda que em sentidos diferentes. Lacan aponta essa que está inscrita na própria constituição do ser humano, Foucault dessa que se projeta nas *microfísicas do poder* cultural e social, que se coloca nas lacunas da falta que corrói os sujeitos. Seu interesse primeiro é desvelar a alteridade dentro dos modos de subjetivação produzidos dentro da cultura. “Práticas segregativas”, que tornam o sujeito dividido no interior de si mesmo e separado dos

outros: O louco, o são, o doente e o saudável, o criminoso e o mocinho (FOUCAULT, 1984, p. 297-321). Práticas que tendem a fabricá-lo como louco, encarcerado, sexuado, por meio de uma organização do tempo, dos espaços, uma vigilância que o pune e o controla, domesticando-o para a cultura.

Dessa maneira, conhecendo as condições históricas que mobilizam os discursos que nos cercam, revela-se para nós que o que elas tentam é encobrir uma falta que nos é estruturante, mas que nem por isso nos enclausura nos exílios da linguagem, esta é também a forma pela qual forjamos nossa existência. Assim segue a prosa da vida, pois o “fato é que as pessoas se procuram cheias de feridas e se iludem com uma conversa. Acham que de conversa em conversa vai-se agüentando até morrer” (NOLL, 1989a, p. 14).

Quando o sujeito se questiona sobre esse discurso do Outro que o inscreve, o modela e se impõe sobre ele como realidade única e incontestável, ele passa a trabalhar sobre si mesmo, “encontra como seu objeto a multidão de conteúdos (o discurso do Outro) com a qual [...] nunca deixou de se haver”. Somente um sujeito petrificado, segundo Lacan, é que “não faz quaisquer perguntas [...] não se questiona sobre si mesmo. [...] vive e age, mas não pensa sobre isso. Recusa-se mesmo a pensar sobre o que é” (SOLER, 1998, p. 62).

Existem as frestas de possibilidades para o sujeito realizar sua leitura e escritura de si, pois o que é falta no sujeito pode ser o que lhe angustie, mas é também o que lhe garante uma inscrição de si diante das coisas, diante da realidade que o cerca, enfim diante das vozes de tantos Outros. “Grandes vozes postas” orquestrando o que ele “deve ser”. Lacan nos torna atentos ao fato da linguagem ser esse “elemento dialético no qual se constitui o conjunto das significações da existência” (FOUCAULT, 2002, p. 80). No sujeito há algo que escapa do já dito da linguagem, alguma coisa não se inscreve, e isso o desampara, mas também coloca em suas mãos os passos do seu destino, que é o ato de desejar e criar. Nele:

Existe por certo momento “o que jamais pode tornar-se objeto”, a liberdade inalienável, a possibilidade sempre presente de desviar o olhar, de fazer a abstração de todo conteúdo determinado, de colocar tudo entre parêntesis, inclusive a si mesmo (CASTORIADIS, 1982, p. 127).

O lugar da cura psicanalítica, e possivelmente de cura do mal-estar na realidade social e cultural, talvez seja transformar os sintomas que carregamos não em desespero, mas de criação diante da vida. Reconhecer o que nos marca, o que nos exila, o que nos limita para assim recriar o existente, reinscrevendo o que ouvimos e o que fizeram de nós. As palavras nos põem no mundo, elas é que fazem com o que nosso “enredo itinerante” não se torne totalmente errante, pois “são elas e só elas que estão armadas de entendimento (NOLL,

1989b, p. 24). Com elas compomos o nosso destino, que é nossa resposta diante da falta que trazemos em nós, nossos rastros em busca do desejo. É o que desvelamos sobre o que somos, é a nossa própria “carne recortada e colada com significantes”.

O desamparo é o nosso destino, mas também o é o desejo e ele é o que nos constitui. O que nos falta pode não nos subtrair diante da vida, mas antes nos fazer seguir numa eterna busca nas inesgotáveis trilhas do desejo humano. Falar cala em nós um gozo interdito, um gozo perdido, no entanto é nesse mesmo falar que o sujeito pode reencontrá-lo. Perceber o limite, ser mesmo esmagado por ele, mas saber enxergá-lo põe diante do sujeito veredas para sua constituição. Precisamos reconhecer que:

Essa falta é irremediável e intratável; ela é uma implicação necessária da linguagem uma vez que esta não tem a capacidade de dizer a última palavra sobre a verdade do ser. Segundo Lacan, enquanto efeito de linguagem, é justamente o ser que falta ao sujeito. Ou seja, em psicanálise, uma problematização do ser (*être*) é inconcebível sem o questionamento correlativo da palavra e da linguagem (implicando assim, o *parlêtre*, de que fala Lacan) (COSTA PEREIRA, s/d).

A palavra que interessa para a psicanálise é saber o que o sujeito deseja. Talvez para as ciências sociais, sobretudo a sociologia e antropologia, seja o sujeito desvelar-se entre os discursos que o rondam. A palavra importa pelo que ela diz, e elas são sempre como crianças que quanto mais cuidamos mais exigem de nós, mais nos falam de nós, do que não sabemos, do que desejamos. Que pássaros elas são? que asas nos concedem? Ainda podem voar? Ou como poetiza Hilda Hilst:

Que canto há de cantar o que perdura?
A sombra, o sonho, o labirinto, o caos
A vertigem de ser, a asa, o grito.
(...) Que canto há de cantar o indefinível?
O toque sem tocar, o olhar sem ver.
(HILST, s/d.b).

WORDS IN BIRDS: THE HUMAN EXISTENCE AS DEED OF THE LACK

Abstract

The human existence is a deed of the lack, something always is missing for us, and it is under the pillars of that abandonment that the symbolic organization of the cultural universe is organized. The human being, for his/her unfinished character, is the being "more hopelessly

culture dependent". We search for understanding in the extent of the social sciences, some of those subjects starting from Jacques Lacan's work when thinking the subject as a construction of the language. It submits us to the culture, to the society, but paradoxically it is what makes possible our own life deed and its transfigurations. The creation of the culture and of the society reveals the human being as the only species that needs to create his/her space of performance and in that process it makes possible his/her own existence.

Key-words: Language. Culture. Society.

Nota

¹ Socióloga, Mestre em Ciências Sociais (UFRN). E-mail: crimasbr@yahoo.com.br.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 1998.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- COSTA PEREIRA, Mário Eduardo. "Mineirinho" ou o horror do gozo: o desamparo e o Outro. In: *Psychê: revista de psicanálise*, São Paulo, ano IV, n. 6, nov. 2000.
- _____. O pânico e os fins da psicanálise: a noção de "desamparo" no pensamento de Lacan. *Revista Percurso*. (s/d). Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/percurso/main/pcs19/artigo1929.htm>>. Acesso em: 24 jan. 2006.
- DE PAOLI, Cynthia. *Tu és Teu Sinthome*. (s/d). Disponível em: <<http://www.spid.com.br/artigos.htm>>. Acesso em: 24 jan. 2006.
- DELEUZE, Gilles. Désir e Plaisir. *Magazine Littéraire*, Paris, n. 325, p. 59-65, out. 1994.
- KAUFMANN, Pierre. (Ed.). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.
- FOUCAULT, Michel. *A Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- _____. *Ditos & Escritos I*. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- _____. Deux essais sur le sujet et le pouvoir. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault: un parcours philosophique*. Tradução de Regina Célia L. Maciel. Paris: Gallimard, 1984, p. 297-321.
- FREUD, Sigmund. (1927). O Futuro de uma Ilusão. In: _____. *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- HILST, Hilda. Amavisse. In: GRANDO, Cristiane. *A Poesia de Hilda Hilst: em busca de estruturas complexas. D.O. Leituras*. Publicação Cultural da Imprensa Oficial do Estado. São Paulo, ano 21, n. 08, agosto de 2003.
- HILST, Hilda. “Do Desejo”. (s/d) a. Disponível em:
<http://www.releituras.com/hildahilst_menu.asp>. Acesso em: 22 jan. 2006.
- _____. “Do Desejo”. (s/d) b. Disponível em:
<<http://www.angelfire.com/ri/casadosol/hhilst.html#contato>>. Acesso em : 22 fev. 2004.
- IANNI, Octavio. *Enigmas da Modernidade - Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- LACAN, Jacques. *O Seminário*. Livro 7: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997.
- _____. *O Seminário*. Livro 17: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1992.
- _____. *O Seminário*. Livro 10: A angústia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2005.
- _____. *O Seminário*. Livro 11: Os Quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1998.
- FELDESTERN, Richard; FINK, Bruce; JAANUS, Maire (orgs). *Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo G. H.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- LUFT, Lya. *O Rio do Meio*. São Paulo: Mandarim, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. *A Conquista do Presente*. Natal: Argos, 2001.
- _____. *A Parte do Diabo*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. *O Mistério da Conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Porto Alegre: Sulina, 2005a.
- _____. *A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. 2. ed. São Paulo: Zouk, 2005b.
- MOTTA, Antônio. Lacan, foram as estruturas que invadiram a rua, Lévi-Strauss. In: IV JORNADA FREUD LACANIANA, Recife, Grupo Traço, 1999.
- NOLL, João Gilberto. *O Cego e a Dançarina*. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- _____. *Bandoleiros*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989a.

_____. *A Fúria do Corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989b.

_____. *Canoas e Marolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

SOLER, Colette. O sujeito e o outro I. In: *Para ler o seminário 11 de Lacan*. FELDSTERN, Richard; FINK, Bruce; JAANUS, Maire (orgs). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

SOLER, Colette. O sintoma na civilização (o psicanalista e as latusas). *Curinga*, Belo Horizonte, n. 11, p. 164-174, abr. 1998.

SOUSA FILHO, Alípio. *Medos, Mitos e Castigos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

WILDE, Oscar. *Retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Editora Nova Cultural, s/d.

ZIZEK, S. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto editora, 1996.

_____. *Porque no saben lo que hacen*. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2003.

Recebido: 11/03/2007

Aceito: 22/07/2007